

Ingleses mais confiantes na recuperação

Do correspondente
e do N.Y. Times

LONDRES — O Banco da Inglaterra, que vinha até agora mantendo uma posição cautelosa quanto à recuperação da economia mundial, apresentou, este fim de semana, em seu boletim trimestral uma previsão mais otimista, até mesmo quanto ao futuro dos países em desenvolvimento, com sensíveis repercussões nos países devedores do Terceiro Mundo. Para os economistas do banco, continua forte a recuperação norte-americana. Embora possa haver certo arrefecimento, o PNB deverá ter este ano um crescimento de pelo menos 5,5%, o que é altamente expressivo. Os resultados dessa recuperação já estão sendo nitidamente sentidos, com benefícios sensíveis para o Terceiro Mundo: os preços das matérias-primas, em geral, aumentaram 27%, em termos de Direitos Especiais de Saque, em confronto com o mesmo período do ano passado.

"A recuperação dos países industriais é um dos fatores dessa alta", diz o Banco da Inglaterra. Menciona outras influências, como o clima, principalmente nos Estados Unidos. No entanto, pondera o banco, não se deve ser muito otimista neste sentido: a recuperação dos preços das commodities exportadas pelos países em desenvolvimento é ainda hesitante. De qualquer forma, acrescenta a recuperação dos preços que aí está e já vem melhorando o balanço de pagamentos dos países em desenvolvimento não produtores de petróleo, cujo déficit da conta corrente caíram de 80 bilhões de dólares em 1981 para 65 bilhões em 1982 e, provavelmente, menos de 50 bilhões no primeiro semestre deste ano. Isso

foi sentido mais diretamente na América Latina. Porém, conclui o Banco da Inglaterra, uma demanda maior dos países industriais ainda é essencial para que os devedores possam sair da situação em que se encontram.

Em resumo, conclui o banco, a recuperação dos Estados Unidos é um fato, a da Europa começa a sentir na Inglaterra, os países em desenvolvimento estão melhorando, mas será preciso, ainda, manter essa situação para que eles possam respirar melhor em 1984. (A.T.)

AJUDA DO EXIMBANK

Em Washington, fontes da subcomissão do Congresso norte-americano que havia sugerido ao presidente do Eximbank aguardar até o ano fiscal de 1984 antes de aprovar uma garantia de crédito no valor de US\$ 1,5 bilhão ao Brasil e US\$ 500 milhões ao México disseram, ontem, que a decisão da instituição de ignorar o apelo poderá "representar votos importantes" dos parlamentares contra a autorização para que a administração de Ronald Reagan aumente em US\$ 8,4 bilhões a sua cota no Fundo Monetário Internacional.

"Eles estão desperdiçando tempo dando tiros no seu próprio pé e atirando também nos amigos", afirmou um assessor da subcomissão de comércio internacional, ao comentar a aprovação dos créditos do Eximbank, anunciada na última sexta-feira. A mesma fonte, segundo o *New York Times*, acrescentou que "isso não é útil, do ponto de vista político". A tramitação do pedido do governo norte-americano para que o Congresso aprove o aumento de sua cota no FMI está paralisada. A proposta vem encontrando muitas resis-

tências dos parlamentares e a decisão do Eximbank poderá aumentá-las, na opinião de fontes da subcomissão.

A concessão de ajuda comercial não necessita de autorização do Congresso, mas o Senado apoiou a política do país no setor, na última semana, ao aprovar uma lei que reautorizou o Eximbank a fornecer créditos para exportação e importação. "Tudo — disse um informante — ignorar as objeções de uma importante subcomissão da Câmara poderia colocar em risco outras propostas da administração." Na opinião de um outro assessor, a atitude do Eximbank colocou os parlamentares de "sobreaviso".

As mesmas fontes lembraram que a subcomissão apenas havia pedido o adiamento da concessão da ajuda, por levantar dúvidas quanto à escolha dos países que receberiam os créditos. Essa posição foi manifestada em carta enviada pelo presidente da subcomissão ao presidente do Eximbank, William Draper II, na qual ele argumentava que a aprovação da ajuda representaria um antecedente contrário ao ponto de vista da Câmara.

Draper respondeu à subcomissão, defendendo a sua decisão de dar seqüência imediata ao estabelecimento das chamadas facilidades de empréstimo. Na carta, ele afirma que elas são necessárias para ajudar a recuperação das exportações norte-americanas para o Brasil e o México.

Até sexta-feira, o Eximbank havia utilizado apenas US\$ 6,2 bilhões do total de US\$ 9 bilhões em seguro comercial e garantia de créditos que tinha sido autorizado pelo Congresso norte-americano para o ano fiscal de 1983.